

VULTOS DA GEOGRAFIA DO BRASIL



*Joaquim Nabuco*

## JOAQUIM NABUCO

(1849-1910)

**O** *LITÍGIO* anglo-brasileiro, acêrca de um território de mais de 30 mil quilômetros quadrados de área, constituía o assunto nuclear em tórno do qual JOAQUIM AURÉLIO NABUCO DE ARAÚJO consagrou em certo período de sua vida — tôda a sua exuberante atividade intelectual, ao serviço do Direito e da Geografia do Brasil

A propósito da grande zona contestada — cuja largura máxima correspondia ao trecho entre a foz do rio Cotíngio e o monte Anai, e cujo maior comprimento ia, aproximadamente, do monte A. angcana às nascentes do rio Rupununi — preparou JOAQUIM NABUCO, como advogado do Brasil, uma volumosa obra constante de 18 volumes, na qual demonstrou, com exuberância, não só os direitos do seu país, como, outrossim, um inestimável cabedal de conhecimentos a propósito da geografia e da história da região litigiosa

Quer sustentando, em favor do Brasil, a doutrina do inchoate-title, quer apresentando provas numerosas e cabais da posse completa e contínua de seu país sôbre a região contestada pela Grã-Bretanha, NABUCO se houve, em qualquer das emergências, como um apóstolo do Direito escudado no seguro conhecimento da Geografia que a fundo estudara

Em sua portentosa obra patentearam-se a solidez da cultura, a comprovada habilitade e a experiência do trato diplomático, tendo dela dito RUI BARBOSA: "O trabalho do nosso advogado foi gigantesco. Eu o percorri todo, e, nesse gênero de literatura, não lhe conheço coisa comparável. Nosso direito ali resplandece à luz do meio-dia. Se não logramos convencer o nosso juiz, convencemos a opinião científica européia. Haja visto na Revista Geral de Direito Internacional Público, os admiráveis estudos ali exarados pelos mais sábios internacionalistas que do assunto se ocuparam"

Considerando o trabalho de JOAQUIM NABUCO "porventura a mais notável expressão do seu talento", RUI BARBOSA destacou, ainda, as qualidades de crítica, argumentação, lógica, bom senso, clareza, tino, amenidade e elegância desenvolvidas pelo advogado brasileiro nas afaçadas memórias que sôbre o assunto cuidadosamente redigiu "Bastaria êle só — acrescentou — para lhe honrar a vida e fazer o nome"

JOAQUIM AURÉLIO NABUCO DE ARAÚJO nasceu na cidade de Recife, em 19 de agosto de 1849

Bacharel pelo Colégio Pedro II em 1865, ingressa, no ano seguinte, na Faculdade de Direito de São-Paulo onde não chega a terminar o curso, porque em 1869, volta a Recife a fim de frequentar o quarto ano jurídico. Forma-se, então, em Recife, a 28 de novembro de 1870

Seus primeiros ensaios foram escritos no período de sua vida compreendido entre 1871 e 1875 e sua primeira viagem ao estrangeiro realizou-se em 1873

Iniciando-se, em 26 de abril de 1876, na carreira diplomática como adido de legação, serviu primeiro, em Washington e depois em Lisboa

A morte de seu pai — JOSÉ TOMÁS NABUCO DE ARAÚJO — fê-lo regressar ao Brasil, onde ingressa na vida política

Se, literariamente, a formação de JOAQUIM NABUCO sofreu decisiva influência da cultura francesa, sob o ponto de vista político, foi incontestável discípulo do pensamento britânico. "Tôda sua preferência no que diz respeito às obras de sociologia e política, escreveu A. T. BANDEIRA DE MELO, era para os autores ingleses, nomeadamente para BAGEHOT, cujas idéias imenso concorreram para fortalecer seu pendor pelo liberalismo"

Sua estréia parlamentar, como deputado, deu-se em meados de novembro de 1878 De 1882 a 1884 — devido a circunstâncias políticas — esteve exilado na Europa, em Londres, onde levou uma vida de trabalho, estudando e aprendendo sempre Em 1885 voltou ao Parlamento, eleito deputado pela então Província de Pernambuco Derrotado nas eleições de 1886 foi, entretanto, novamente eleito em 1887 Sua última aparição na Câmara (11 de junho de 1889) proporcionou-lhe mais uma oportunidade para reafirmar a sua fé monarquista

A proclamação da República concorreu para cristalizar-lhe a meditação: "Os últimos dez anos (1889-1899) são assim o período em que o interesse político cederá gradualmente o lugar ao interesse religioso e ao interesse literário até ficar reduzido quase somente ao que tem de comum com eles Quando digo interesse político — frisou em Minha Formação — quero dizer o espírito político, porquanto a emoção, a parte que tomo na sorte do país, aumenta com as peripécias, as contingências, os vértices dos novos dramas. O autor e o ator desaparecem; o espectador, êsse, porém, sente a sua ansiedade crescer e tornar-se angustiosa Posso portanto terminar aqui a história de minha formação, porque das novas influências que me vão dominar no resto da vida, a religião já se encontrou na infância e a das letras na mocidade As letras lutaram em mim anos seguidos, como se viu, contra a política, sempre com superioridade, até vir a Abolição, que durante os dez anos as relegou, como tudo mais, a imensa distância Extinto êste grande foco de atração, nenhum outro teria o mesmo poder contra elas Ainda assim talvez tenha apenas havido entre elas e a política uma verdadeira fusão A história é com efeito o único campo em que me seria dado ainda cultivar a política, porque nêle não terei o perigo de faltar à indulgência, que é a caridade do espírito, nem a tolerância, que é a forma da justiça a que eu posso atingir São essas duas faces, a que há pouco aludí, sob que meu espírito cristalizou"

Durante êsse decênio de meditação, elaborou NABUCO, o Estadista do Império; escreveu no Jornal do Comércio e colaborou na Revista Brasileira, na qual aparecem os primeiros capítulos da obra que contém a biografia do pai e também o retrato de toda uma época Naquele período, ajudou, por outro lado, a fundar a Academia de Letras, profereindo, por ocasião de ser inaugurada, o seu mais célebre discurso literário da fase de seu retraimento cívico

Na Vida de Joaquim Nabuco, por sua filha CAROLINA NABUCO (2ª edição, 1929, Comp Editôra Nacional, São-Paulo), lê-se: "O feito intelectual de NABUCO impelia-o para a História Um Estadista do Império — escreveu JOSÉ VERÍSSIMO — é o documento vivo da dualidade fecunda dêsse espírito fundamentalmente político e profundamente literário Aquela feição levou-o naturalmente, quando voltou à literatura, à história, de todos os gêneros literários, o que mais se entendem com a política"

"Estadista de raça e de vocação — continuou CAROLINA — NABUCO era um historiador que falava de cadeira Seu amor ao trabalho, seu apêgo ao passado, davam-lhe paciência para o esforço tenaz da pesquisa, da documentação, e, para que nada faltasse, tinha a serenidade de juízo, a visão do conjunto, a perícia do escritor e o dom da imaginação, a eterna renovadora"

Homem de pensamento, escreveu as máximas e impressões que compõem Pensées Détachées, a maioria escrita em Petrópolis em 1893 e em 1894

A reconciliação de JOAQUIM NABUCO com a República operou-se justamente com o próximo desfecho da questão de limites entre o Brasil e a Grã-Bretanha Convidado para advogado do Brasil, após ressaltar as suas conhecidas idéias monárquicas, patrioticamente, aceitou o encargo de defender os direitos em jôgo do seu país natal "Tratando-se, porém, de uma questão de caráter todo nacional, como é a reivindicação de território brasileiro,

contra pretensões estrangeiras — acentuou NABUCO — seria faltar mesmo à tradição do passado, que há anos procuro recolher e cultivar, invocar em uma disidência política acima da qual o próprio govêrno republicano tivera o nobre esprendimento de elevar-se Em tais condições, Sr Ministro — escrevia a 5 de março de 1899 ao Dr OLINTO DE MAGALHÃES — não me resta senão pôr-me inteiramente às ordens de V Excia agradecendo-lhe, bem como ao Presidente da República, a confiança que mostra na minha lealdade para com o país”

O trabalho gigantesco levado a cabo pelo eminente brasileiro relativo à questão de limites, foi realizado no curto prazo de um ano; compreendia texto, mapas, documentos, todos êles examinados e selecionados pessoalmente por JOAQUIM NABUCO “Sôbre o valor de sua obra, resultado de um esforço que lhe abalou para sempre a saúde e lhe encurtou a vida, tinha uma única dúvida — conforme esclareceu a filha — se a não poderia ter feito mais curta Deu-lhe, além da fôrça e clareza essenciais, as qualidades supêrfluas que, sendo êle mesmo, não poderia deixar de dar a tudo em que tocasse, os coloridos de sua imaginação, a harmonia cadenciosa da forma que são o cunho do artista”

O título geral da obra de JOAQUIM NABUCO referente ao memorável assunto foi “Fronteiras do Brasil e da Guiana Inglêsa questão submetida ao arbitramento de S M o Rei da Itália”

A primeira Memória fez-se acompanhar de seis volumes anexos: I — Documentos de Origem Portuguesa (*Texto português*) — Primeira série; II — Documentos de Origem Portuguesa (*Texto português*) — Segunda série, compreendendo o Diário de Viagem de F X Ribeiro de Sampaio em 1774 e 1775, o Apêndice a êsse mesmo Diário, e a Relação Geográfico-Histórica do Rio-Branco da América Portuguesa do mesmo autor; III — Documentos de Origem Portuguesa (*tradução francesa*) Primeira série; IV — Documentos de Origem Portuguesa (*Tradução francesa*) — Segunda série, compreendendo ainda o Diário de Viagem de F J Rodrigues Barata (1799); V — Documentos diversos; VI — Atlas demonstrativo dos direitos do Brasil ao território contestado pela Grã-Bretanha

A segunda Memória compõe-se de três volumes destacados: 1º A pretensão inglêsa; 2º Notas sôbre a parte histórica da primeira memória inglêsa; 3º A prova cartográfica Êstes três volumes de estudos e de discussão foram também acompanhados de documentos ou Anexos, os dois primeiros correspondendo ao tomo I da segunda Memória e o terceiro ao tomo II Além de duas gravuras ilustrativas, NABUCO fêz imprimir duas cartas apresentadas pelo Govêrno de Sua Majestade Britânica ao Tribunal Arbitral de Paris no ano de 1887 e à Sua Majestade o rei da Itália em 1903 Exibiu também uma pequena carta das Fazendas Nacionais brasileiras do Rio-Branco O terceiro volume da segunda Memória, intitulado — A prova cartográfica — encerra dois capítulos e, ainda, uma Conclusão mais uma Nota Suplementar O Capítulo I denomina-se A prova cartográfica inglêsa e contém: 1 — Observações gerais: a) *geografia física*, b) *fronteiras*; 2 — Notas sôbre as cartas anexas à presente Memória (*Memória Inglêsa*) O capítulo II intitula-se A prova cartográfica do Brasil e contém: 1 — O Atlas Brasileiro; 2 — Carta dos séculos XVI e XVII e da primeira parte do século XVIII; 3 — Cartas de HORTSMAN e de LA CONDAMINE; 4 — Cartas de D'ÂNVILLE e de VAUGONDY; 5 — Cartas holandesas; VI — Cartas inglêsas desde a ocupação inglêsa do Essequibo até Schomburgk; VII — Cartas diversas; VIII — Cartas portuguesas, brasileiras e espanholas

A terceira Memória de NABUCO encerra 4 volumes respectivamente intitulados: 1 — A construção das memórias inglêsas; 2 — História da zona contestada segundo a contra-memória inglêsa; 3 — Reprodução dos documentos inglêses seguidos de breves observações; 4 — Exposição final

Após o laudo arbitral, foi JOAQUIM NABUCO nomeado, em 1905, embaixador junto ao Governo dos Estados-Unidos. Como nosso primeiro embaixador na grande República do Norte, NABUCO muito fez para a aproximação do Brasil com a União Americana.

RAÚL FERNANDES — eminente democrata patricio — focalizou-lhe a obra americanista: "divisou no pan-americanismo e particularmente na estreita inteligência do Brasil com os Estados-Unidos, um programa tão necessário nos seus pressupostos quanto largo nos seus desdobramentos"

Mas para que destacar conceitos sobre a obra pan-americanista de NABUCO? Para realçá-la, basta rememorar um trecho do discurso protocolar com o qual teve a honra de depositar nas mãos de presidente TH. ROOSEVELT as cartas que o acreditaram na qualidade de embaixador extraordinário e plenipotenciário junto ao Governo dos Estados-Unidos-da-América: "O fato é que a posição deste país no mundo lhe faculta grandes iniciativas ainda nessa direção do nosso comum ideal americano"

"Pela nossa parte o veremos sempre tomá-las com o mesmo interesse continental e a mesma seguridade nacional que até hoje. Todos os votos do Brasil, são, com efeito, pelo aumento da imensa influência moral que os Estados-Unidos exercem sobre a marcha da civilização e que se traduz pela existência no mundo, pela primeira vez na história, de uma vasta zona neutra de paz e de livre competição humana"

"Nós imaginamos esta influência ainda mais largamente benfazeja no futuro, não só para as duas Américas como para o mundo inteiro"

Quem assim falava, em 25 de maio de 1905, diria também, como disse, em 25 de fevereiro do ano seguinte, em Filadélfia, a propósito do maior acontecimento do ano, a Conferência Pan-Americana, a realizar-se no Rio-de-Janeiro: "A consciência americana é o sentimento de nossa órbita especial, inteiramente separada da européia, com a qual se movem a Ásia e África, sem falar da Austrália. Com toda nossa simpatia e interesse pela Europa, cõscio do que devemos ao influxo europeu, produtos que somos do transbordamento das raças européias, duvidando mesmo que em nosso solo as hastes da cultura européia possam produzir os mesmos frutos ou as mesmas flores que em seu próprio solo, somos todavia um sistema político inteiramente desligado da órbita da Europa

é necessário que as Repúblicas Americanas não julguem o papel que os Estados-Unidos tiveram e têm que representar para defender a doutrina de Monroe, como opressivo de modo algum, ao orgulho e dignidade de qualquer delas, mas, ao contrário, como um privilégio que todos devem apoiar, ainda que seja só com sua simpatia e gratidão. Isso será, sem dúvida o resultado final da Conferência Pan-Americana

"Essas Conferências são os meios de comunicação, enquanto não se tornam a comunhão das Repúblicas Americanas"

Depois de ter sido o presidente da Terceira Conferência Pan-Americana, realizada no Rio-de-Janeiro, em 1906, JOAQUIM AURÉLIO NABUCO DE ARAÚJO regressou aos Estados-Unidos, onde faleceu a 17 de janeiro de 1910, cercado de todo o carinho e da mais profunda admiração

Seus restos mortais, transportados com excepcionais honras e acolhidos em seu país com o calor tropicalmente objetivo dos brasileiros, repousam na gloriosa terra pernambucana conforme manifesto desejo de seus filhos e a própria aquiescência do extinto: "Se Pernambuco pedir os meus ossos — dissera certa vez à esposa — tu não os podes negar". E, assim, voltou o corpo do grande NABUCO para o seio da terra natal, após uma vida que, realmente, foi "um belo sonho realizado por um especial favor da Providência"

JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA